



Vanguarda

Director: **António Pedro**
14 Setembro 2018 | Ano 2 | Número 85
Semanário | Preço: 300 Kz



**GRANDE
ENTREVISTA**

“João Lourenço está a fazer do MPLA um partido do século XXI”

Luis Ayala, secretário-geral da Internacional Socialista, passou por Luanda para assistir ao 6.º Congresso Extraordinário do partido dos camaradas e falou em exclusivo ao Vanguarda **P.14**



“Fomos os arquitectos das novas democracias”

Luis Ayala, o secretário-geral da Internacional Socialista, passou por Luanda, para participar no VI Congresso Extraordinário do MPLA, e conversou com o *Vanguarda*. Partilhando a ideia de que João Lourenço está a fazer do MPLA um partido do século XXI.

texto **António Pedro** fotos **Carlos Muyenga**

Qual é a visão da Internacional Socialista (IS) para Angola?

Temos acompanhado, muito de perto, o que se passa em Angola, através do MPLA. Não só temos acompanhado como temos trabalhado juntos nesse processo desde a independência. Porque, verdadeiramente, o MPLA é estruturante para esta nação. É o libertador que deu forma a este Estado que conhecemos como Angola. No processo de independência, como chegar à paz e consolidar a paz. Daí para diante assistimos ao desenvolvimento das instituições. E temos visto como Angola, rapidamente, foi alcançando progressos. Hoje, Angola está com uma agenda similar com muitos países do mundo: o fortalecimento das liberdades e dos direitos dos cidadãos. MPLA lutou, antes de mais, pela paz e pela liberdade para todos os cidadãos de Angola. A Internacional Socialista sempre acompanhou este processo, e trabalhou com Angola para assegurar a paz e a justiça social – e por isso é que somos a Internacional Socialista, uma organização que toma partido pelos mais vulneráveis. Tudo o que tem que ver com educação e saúde, ou com o fortalecimento das instituições políticas.

Por que razão o MPLA esperou muitos anos para ser integrado como membro de pleno direito da IS?

Não. O que se passa é que a Internacional Socialista, durante muito tempo, especialmente na década de 70 do século XX, entendeu o socialismo numa concepção mais europeia, no contexto do bem-estar social europeu. Só depois se associou aos movimentos que lutavam pela independência e pela liberdade em África, e o mesmo com a América Latina. Só então se abre ao mundo. Gerou-se então uma sinergia entre aqueles que lutavam pela independência e aqueles que lutavam contra a ditadura, no caso, na América Latina. A ausência de democracia em África e na América Latina era um traço comum, e depois na Europa central. Fomos os arquitectos das novas democracias. Em Angola tratava-se de fundar um Estado-Nação. Na América Latina, no Chile, por exemplo, vivemos uma ditadura militar de anos, e também houve essa necessidade de quase refundar o Estado. Também fomos os articuladores de um novo país. Hoje temos 17 países africanos como membros da IS. Até há bem pouco tempo não havia social-democracia no continente africano. Hoje, as grandes democracias do mundo estão presentes na IS, e estamos todos empenhados num itinerário conjunto.

Os partidos da IS em África possuem um perfil de movimentos de luta pela independência, que preservam, já na Europa evoluíram no conceito. Como se congregam estas diferenças na IS?

A IS tem princípios e valores que se sobrepõem. Quando tu lutas pela liberdade, não é pela metade, ou há liberdade, ou não há liberdade. Aqui,

acabaram de nomear uma vice-presidente para o MPLA; no Chile, uma mulher foi eleita presidente do país por dois mandatos. Há temas comuns. A economia é global. As questões de segurança – o conceito de segurança é global –, o combate contra as alterações do clima... são assuntos comuns, quer sejas africano, quer sejas chileno, quer sejas europeu. No Chile estamos activamente empenhados na defesa dos oceanos. E a tendência é que tenhamos cada vez mais agendas comuns, e aí a IS tem uma relevância adicional. E também nos processos de

“O MPLA foi um movimento de libertação que se fez um partido do século XXI, com temas que se preocupam com as pessoas”

integração. É muito positivo que estes 17 governos africanos partilhem dos mesmos compromissos. O MPLA foi um movimento de libertação que se fez um partido do século XXI, com temas que se preocupam com as pessoas nos dias de hoje. Vejo o Presidente João Lourenço articulando uma agenda dos nossos dias. A social-democracia pressupõe que sabemos de onde viemos, mas, mais importante, sabemos aonde queremos chegar. E isso parece-me evidente no discurso de João Lourenço.

O MPLA como partido de esquerda progressista e humanista recebeu sempre críticas pela diferença entre ricos e pobres, em Angola. Há agora outra percepção do partido?

O MPLA assumiu as prioridades

correctas, que passam por fazer crescer a economia. E é tradição da social-democracia, e da IS, que o desenvolvimento é para todos. Estamos a lidar com a economia de mercado, mas subordinada aos nossos princípios e valores, que assumem um compromisso com os mais vulneráveis. Nos anos de 1990, no Chile, tínhamos 40% de pobres – os resultados de anos de ditadura –, hoje a percentagem de pobreza é mínima. Nessa época, os pais de um em cada dez estudantes nunca foram à universidade. Hoje, sete em cada dez foram à universidade. Cresceu a economia e cresceram as oportunidades. Temos saúde, educação, apoio social. É isso que nos identifica com a social-democracia. É essa a agenda que nos identifica. E Angola tem as mesmas prioridades. Isso é claro. Há grandes diferenças quando temos um governo social-democrata ou quando temos um governo conservador.

Poucos meses após João Lourenço ter sido empossado como Presidente da República, esteve em Angola e disse que a IS estava alinhada com as reformas em curso. Acha que são reformas brutas, de choque?

Todos sabemos que fazer política tem o seu prazo, os seus tempos, e temos de ir acompanhando os processos de perto. O Presidente João Lourenço começou bem, prometeu melhorar as condições de vida dos angolanos, da juventude e da mulher angolanas. Vejo um presidente que, no concerto internacional, tem muito boa reputação. É muito bom para Angola ter um presidente como João Lourenço, um presidente social-democrata. Alguém com sensibilidade para estabelecer prioridades. Preocupado com as questões da região, a começar pelas questões dos países da região dos Grandes Lagos. Vejo o Presidente preocupado com o que poderá acontecer na República Democrática do Congo (RDC). Em Angola, vejo-o empenhado em cumprir o

BI

Luis Ayala, secretário-geral da Internacional Socialista, é um chileno politicamente comprometido desde o seu tempo de juventude, primeiro como dirigente estudantil e depois como presidente da União Internacional das Juventudes Socialistas, ao mesmo tempo que participou activamente no esforço de recuperar a democracia para o Chile, com o combate à ditadura de Pinochet. Assumiu vários cargos na IS, e é o primeiro secretário-geral de um país não europeu. Foi reeleito para novo mandato em 2017.

programa do MPLA. E isto é importante, ainda mais quando, na Europa, se assiste a fenómenos nacionalistas e populistas que nos preocupam profundamente. Bem como a incerteza que se vive nos Estados Unidos. É necessário deixar claro que somos gente que quer a paz e que luta por ela. Somos gente que quer direitos para todos, e que ninguém fique para trás.

Como é que o Presidente vai resolver o problema de políticos que são empresários no activo, são accionistas de bancos? Na Europa não há esta mistura, mesmo em governos da social-democracia filiados na IS?

Tens de fazer a tua agenda de mudança, não podes fazer tudo de uma vez. Angola está dando grandes passos num processo que vai empoderando as pessoas. E o povo, os cidadãos, é parte deste processo. O MPLA é um partido maioritário, ganhou as eleições com 64% da votação, é uma grande força política. O que dá ▶

“
Gerou-se então uma sinergia entre aqueles que lutavam pela independência e aqueles que lutavam contra a ditadura, no caso, na América Latina



“O combate contra as alterações do clima é um assunto comum quer sejas africano, quer sejas chileno ou europeu”

uma maior capacidade de articular um processo de mudanças. Nas democracias vão encontrando as suas lógicas. No sector económico, os empresários têm as suas próprias responsabilidades. Todos têm de desempenhar o seu papel. E o Estado tem de ter uma visão de conjunto, onde todos têm de participar. E essa é a arte da política. Ninguém fica de fora. Precisamos de empresários responsáveis e um sector laboral comprometido, trabalhando na partilha e na busca de qualidade de vida, e mais ainda, que vivemos num tempo em que os jornais celebram ‘trilionários’, e falamos de Jeff Bezos. O nosso objecto é outro.

Quando o Presidente Lourenço assume a luta contra corrupção, nepotismo, impunidade, segue valores da IS, no entanto, e antes dele, o MPLA já seguia tais valores. O que se passou para descarrilar?

Isso é um tema da agenda política de hoje. Cada época, cada momento, tem os seus temas. A corrupção é um tema global. Lourenço introduziu um tema que é comum ao debate global. É importante melhorar as instituições políticas dos Estados. Definir regras para uma maior transparência. Não é aceitável o que aconteceu no passado. Hoje, os cidadãos querem mais informação, em toda a parte, os cidadãos pedem mais informação. O João Lourenço está a introduzir o tema, o que também faz dele um político

“A saúde e a educação passaram a ser um desafio global, com conceitos fundamentais. É assim em África e noutros pontos do mundo.”

do século XXI. A corrupção é um tema frontal na agenda global. Veja o que se passa no Brasil, com a Odebrecht. A IS tem estado na linha da frente, sempre pugnámos pela transparência – outra coisa não é aceitável num socialismo democrático. Por uma justiça capaz de se dotar de instituições independentes. A luta contra a impunidade acontece em várias partes do mundo. Tem de haver consciência e um sector legal dotado de leis capazes de lhe fazer frente. Não é um assunto de Angola, é um assunto presente, de todos os dias, por exemplo, na América Latina.

“

A corrupção é um tema global. Lourenço introduziu um tema que é comum ao debate global



Estes males levam partidos de direita a reagir que corrupção, nepotismo e impunidade são traços de partidos de esquerda...

Não, isso não é nada assim, e é uma forma irresponsável de colocar as questões. A visão do militante da IS é gente formada de outra maneira na política. Pessoas que começaram jovens, na sua escola, ou no sindicato, ou na sociedade. Nós, como sociais-democratas, estamos na primeira linha, no que também tem que ver com a proximidade dos nossos partidos com os cidadãos, são partidos verdadeiramente populares, não são partidos de elite, não são partidos sectoriais. Não somos um movimento de operários, somos mais do que isso, somos um movimento consciente. Há analfabetos e profissionais, mas cada vez mais profissionais que vão produzindo as mudanças na sociedade.

CASA-CE e PRS disseram ao Vanguarda, há mais de um ano, que estavam a preparar processos para filiação na IS. Já são membros?

Sou o secretário-geral da Internacional Socialista, e não há, nem houve, nenhum processo sobre este tema. Tenho um partido membro em Angola, que é o MPLA. É um partido comprometido e presente com todas as suas responsabilidades. Temos um

“Há analfabetos e profissionais, mas cada vez mais profissionais que vão produzindo as mudanças na sociedade”

vice-presidente, que é o representante do MPLA, na liderança da IS. Temos o MPLA nos vários comités de trabalho da IS, no Comité de Ética, por exemplo. O MPLA tem distintas responsabilidades na Internacional Socialista.

O MPLA tem uma vice-presidência, para além disso, tem algum papel específico atribuído?

Temos uma vice-presidência alargada onde estão presentes sete países africanos, e o MPLA é um deles. E o seu representante está sempre presente. No dia 28 deste mês vamos ter uma reunião à margem da Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, com chefes de Estado e de governos dirigidos por partidos membros da IS. E posso dizer-lhe que não vão estar

esses partidos de que me falou há pouco.

O Presidente João Lourenço tem desafios na educação e na saúde...

Sim, claro, todos. Porque, nós os sociais-democratas, estamos comprometidos com esses temas.

Acha que o Presidente João Lourenço vai dar a volta aos graves problemas com a educação e com a saúde?

Todos os governos têm este desafio. A saúde é um bem comum. A saúde e a educação passaram a ser um desafio global, com conceitos fundamentais. É assim na América Latina, em África e noutros pontos do mundo. Estamos comprometidos. Há anos, no Chile, se uma pessoa caísse na rua, não tinha dinheiro para chamar uma ambulância, mas, no caso, estávamos a pagar o preço da ditadura. Hoje é diferente. Essas necessidades estão agora cobertas pelo Estado. E o mesmo na educação. Há milhares de estudantes nas universidades, até mesmo em universidades privadas, e é o Estado que compartilha em parte das suas despesas. Em Angola, como em muitos outros lugares, isso acabará por acontecer. É um sinal de identificação quando João Lourenço dá ênfase à educação e à saúde, o que revela que o presidente partilha da identidade da IS. ▼